

Pai presente.

Freddy Poetscher, PhD, pai*

Após a minha separação em 2010, determinei alguns objetivos. Entre eles, estava aumentar a presença com os meus filhos.

A separação afastou fisicamente os meus dois filhos, e essa distância me comovia toda vez que eles retornavam para a mãe e eu tinha que esperar outros 15 dias para revê-los. Parte dessa carga emocional foi resultante da própria definição de família que eu estava revendo sem perceber.

Foi muito difícil abrir mão da presença física, mas entendê-la me ajudou em todo processo.

A distância física não implica em um vínculo fraco com o pai. Existem pais que convivem com os seus filhos todos os dias e não vivenciam eles. Creio que a palavra vivenciar tem o sentido perfeito nesse caso.

Tenho pouco tempo com meus filhos, porém estando com eles sou totalmente aberto aos desejos, opiniões, sorrisos e broncas (eles são muito críticos!). Procuro senti-los de todas as formas possíveis, escutá-los e respeitá-los compreendendo sempre essa nova forma de família.

Substituí, com o tempo, o objetivo de estar presente pelo objetivo de fazê-los felizes, o que fez a minha presença na educação e na criação deles aumentar. Lutar e defender os interesses deles foram ações fundamentais para que nós três pudéssemos conseguir superar o acontecimento da separação.

Os interesses deles são demonstrados às vezes de forma muito sutil, porém quando atendidos os tornam muito felizes e impactam positivamente na sua auto-estima, que nem sempre fica preservada após a separação. Por exemplo, lembro de meu filho mais velho indo emburrado para o colégio em uma manhã de segunda-feira. Com muito jeito e insistência, consegui que ele me falasse o motivo: “gostaria que a minha mãe me

buscasse pelo menos uma vez no colégio após a aula (ele voltava todos os dias de perua), como a mãe de meus amiguinhos”, disse. Isso, colocado, me permitiu ligar imediatamente para a mãe. Acordamos que ela iria buscá-lo, passei o telefone para o meu filho e dei suporte para ele pedir o mesmo à mãe dele. Resultado: negócio fechado e filho feliz!

Na outra semana que ele veio passar comigo conversamos sobre outros diversos temas e desejos. Foi como achar o início de uma trilha. Dessa forma percebi algo valioso: a felicidade não está no objetivo e sim no caminho.

Procuro ter um hobby em comum com cada um deles. Com o mais velho desvendo junto as fases dos jogos de videogame, mesmo na sua ausência, e montamos aeromodelos e legos juntos. Com o mais novo, vejo com ele os seus filmes prediletos e brinco com ele ao ar livre com diversos temas. Esses hobbies ajudam a nos integrar e, depois que comecei com eles, novas idéias sempre surgem, conforme a nossa necessidade própria de vivência, como a horta que fizemos em casa.

Já faz quase um ano e meio que me separei e, quando casado, pelas próprias amarras da minha relação existentes na época, não conseguia ser um pai tão presente como sou hoje. E nem tão feliz.

Contato:

freddy@testmat.com.br